

# DESENVOLVIMENTO DE EMPREENDEDORAS EM MOÇAMBIQUE

Maria Antónia Lopes



---

Apresentação e Prefácio

**António Alberto da Silva Francisco**

---

O especialista em Administração de Empresas, Stephen Kanitz, escreveu algures,<sup>1</sup> que os americanos dividem o mundo em duas categorias, os *dreamers* e os *doers*; ou *sonhadores* e *fazedores*. Em contraste, Kanitz considera que os seres humanos podem melhor ser divididos em três grupos, dependendo do grau de *iniciativa* e *acabativa* de cada um: *iniciativos*, *acabativos* e *empreendedores* - sem contar os burocratas, dos quais só indirectamente irei falar, mais adiante.

*Iniciativos* são os criativos, com inúmeras ideias, mas frequentemente sem a capacidade necessária para colocá-las em prática. Como sublinha Kanitz, uma das correntes políticas mais influentes no pensamento económico chama-se precisamente “livre iniciativa”.

*Acabativos* são definidos por Kanitz como aqueles que possuem capacidade de implementar aquilo que iniciaram ou concluir o que outros começaram; mas de nada adianta “livre iniciativa”, acrescenta Kanitz, sem uma classe na sociedade preocupadas com a acabativa.

Os *empreendedores* são aqueles que têm iniciativa e acabativa. Os que têm capacidade de colocar em prática uma ideia e levá-la até ao fim. Estatisticamente é um grupo muito pequeno: menos de 1% da população. Kanitz mencionou alguns exemplos internacionais, de empreendedores famosos: os Thomas Edisons; os Bill Gates; os Steve Jobs. Na mesma lógica, diria que em Moçambique também tivemos e temos os nossos empreendedores: Os Monteiro & Giros na Zambézia, no tempo colonial. Ou presentemente, os Norbertos, do tipo Lodge “Lake View”, em Chidenguele; ou as Esperanças Mangazes, tipo Folha Verde – Noivas e Eventos, em Maputo.

Este trabalho de Maria Antónia Lopes é dedicado à parte feminina do terceiro dos quatro grupos, acima referidos: as empreendedoras. Não usa explicitamente o neologismo *acabativo*, mas este termo é relevante, para o seu livro, porque explicita uma das características principais do empreendedorismo - a capacidade que algumas pessoas têm de terminar aquilo que iniciaram ou concluir o que outros começaram.

---

<sup>1</sup> Stephen Kanitz, *A Missão Do Administrador: Administração Como Filosofia de Vida* (PressBooks.com, 2014), 8, <http://blog.kanitz.com.br/livro-missao-administrador/>.

Foi com alguma surpresa que recebi o amável convite da colega Maria Antónia, para escrever o prefácio deste trabalho. Surpresa, porque nunca antes fui empresário nem administrador de empresas; não prevejo sê-lo em breve, nem tão pouco no futuro. Se aceitei o convite foi, antes de mais nada, por solidariedade, simpatia e admiração pela iniciativa desta minha colega da Faculdade de Economia. Em segundo lugar, aceitei o convite, tenho que admiti-lo, por curiosidade e certo oportunismo intelectual. Se os trabalhos sobre empreendedores moçambicanos em geral são poucos, o que dizer de estudos especificamente dedicados às empreendedoras em Moçambique? Daí o meu oportunismo saudável; não aceitar o convite de Maria Antónia seria desperdiçar uma bela oportunidade para me informar e reflectir sobre uma realidade que conheço mal, se bem que não me passe despercebida, no dia-a-dia da nossa vida.

Nutro grande admiração pelos empreendedores e em particular, as empreendedoras moçambicanas que em Moçambique, nos momentos mais hostis à *iniciativa* e a *acabativa*, souberam imunizar-se contra a epidemia socializante que se apoderou da nossa sociedade, na primeira década após a Independência em 1975. Recordo com admiração e saudade algumas das empreendedoras que souberam, com mestria e um sorriso nos lábios, desafiar mil e uma adversidades que não lembravam ao diabo, nem os jovens de hoje conseguem imaginar terem existido. Quanta imaginação criadora não tiveram, elas, perante uma Constituição da República, que determinava que perdessem a nacionalidade moçambicana se optassem por casar com um homem estrangeiro! E as espoas que não tinham direito à herança dos maridos? Ou ainda, o que dizer das mães cujos direitos de decisão sobre seus filhos se subordinavam aos dos pais? Quanta imaginação, coragem, iniciativa e acabativa não tiveram que mobilizar as empreendedoras no início do Estado Soberano em que muitos dos sonhos com a liberdade e iniciativa individual se converteram em trágicos pesadelos?

Felizmente, parte os obstáculos e violações de certos direitos humanos fundamentais, enfrentados pelos empreendedores moçambicanos, nomeadamente as moçambicanas, passaram à história. Mas nem por isso as novas gerações de mulheres e homens poderão dizer, com tranquilidade, que os empreendedores de hoje têm a vida muito mais facilitada do que no passado. Sim, o Estado Moçambicano abandonou o radicalismo socializante e ostensivamente castrador da iniciativa e acabativa. Porém, ilude-se quem pense que o intervencionismo estatizante dos dias de hoje, nomeadamente aquele que força as pessoas a procurarem refúgio na informalidade, é mais inofensiva e afável do que era o centralismo burocrático totalitário do passado.

Este é um dos melhores ensinamentos de uma leitura atenta deste trabalho. Um ensinamento que numa leitura superficial e desatenta, poderá passar despercebido ao leitor. O trabalho presta especial atenção ao empreendedorismo associado à sobrevivência básica. Ora, num contexto de economia de subsistência e ampla precariedade, estagnação económica generalizada a conviver com um crescimento acelerado selectivo, como o que se vive actualmente em Moçambique, o empreendedorismo preconizado pelo economista Joseph Schumpeter (1883-1950) terá que ser revigorado de novas capacidades. Capacidade, acima de tudo, para mostrar que o agente de promoção do progresso económico é o empreendedor produtivo, não o político disfarçado de empresário. Neste sentido, a “destruição criativa”, ideia central schumpetiana sobre o papel da inovação na economia capitalista, terá que se confrontar vigorosamente contra a “criação

destrutiva” das instituições anti-desenvolvimento económico que prevalecem na sociedade moçambicana.

Moçambique hesita actualmente entre uma economia de bazar, ou *bazarconomia* e uma genuína economia de livre mercado. Qual delas vencerá? O tempo dirá, mas não só. Para além do tempo, muito irá depender do tipo de empreendedores que prevalecerão na sociedade moçambicana. Por enquanto, não é fácil. Basta reparar nos chamados empresários de sucesso que perfilam na praça pública, para se perceber qual é o tipo de “empreendedorismo” com maior protagonismo, no actual contexto moçambicano. Não passa de uma caricatura do verdadeiro empreendedorismo; aquele que se caracteriza por ser eficiente, eficaz e criativo no domínio produtivo. O que prevalece é uma espécie de empreendedorismo “honoris causa”, desenvolvido na boleia dos meios políticos e burocráticos que controlam a alocação dos recursos, produtivos e financeiro, desde a terra ao crédito bancário, entre outros.

Numa bazarconomia, ou economia de bazar, poucas são as pessoas capazes de implementar as excelentes ideias que muita gente tem e gostaria de ver concretizadas. Capacidade que não se confunde com empreendedorismo vulgar, improvisado *ad hoc.*,

As empreendedoras moçambicanas emergem na economia do País, num número cada vez maior e diversificado. Este livro identifica algumas das principais áreas: comércio retalhista e grossista, incluindo o Mukerismo ou comércio trans-fronteiriço; a indústria de confecções; o ensino e os serviços de saúde privado; associações não lucrativas; indústria de marketing, *fashion* e beleza.

À medida que ia lendo o texto e conhecendo os desafios com que se confrontam as empreendedoras moçambicanas, uma característica comum a todas elas começou a emergir. Fiquei com a impressão que ser empreendedora em Moçambique é um exercício de subversão, mais ou menos subtil, em pelo menos três sentidos: contra o intervencionismo estatal, manifestado no extensivo monopólio que o Estado possuiu sobre os recursos e sua interferência na alocação e decisão de investimento dos produtores; contra o pântano de estagnação económica, associado às instituições de uma economia de subsistência precária e hostis à economia de reprodução alargada; e contra o androcentrismo ou a excessiva centralidade na figura do homem.

Este livro não nos fornece nenhuma informação específica sobre a capacidade das empreendedoras, e empreendedores em geral, sobreviverem no ambiente de mercado e negócio tão idiossincrático como é o moçambicano. Como nos conta Daniel Kahneman,<sup>2</sup> um dos mais influentes psicólogos da actualidade e Prémio Nobel de Economia em 2002, as hipóteses de uma pequena empresa sobreviver durante cinco anos nos Estados Unidos, são cerca de 35%. O interessante disto, adianta Kahneman, é que os indivíduos que abrem as empresas, não acreditam que as estatísticas se lhes apliquem. Um inquérito registou que 60% dos empreendedores americanos estimam uma hipótese de sucesso para “qualquer negócio seu” quase o dobro do seu verdadeiro valor. Mais do que isso, quando as pessoas avaliam as hipóteses do seu próprio empreendimento, cerca de 81% dos empreendedores colocou as suas hipóteses pessoais de

---

<sup>2</sup> Daniel Kahneman, *Pensar, Depressa e Devagar*, 1a ed. (Lisboa: Temas e Debates, 2012), 341, <http://www.fnac.pt/Pensar-Depressa-e-Devagar-Daniel-Kahneman/a559776>.

sucesso, como sendo 7 em 10, ou mais, e 33% disseram acreditar que a sua hipótese de falhar era zero.

Alguém terá informação sobre as hipóteses de uma pequena e média empresa moçambicana sobreviver? Ou, no caso das empreendedoras moçambicanas, qual é a probabilidade do seu sucesso? Se as mulheres que pensam investir dinheiro e esforço, por exemplo na abertura de um restaurante, soubessem que 60% dos restaurantes italianos fecham as portas após três anos, não será que ponderariam melhor sobre a sua decisão?

Este trabalho de Maria Antónia não responde às questões que aqui enumero, inspiradas pela minha leitura do livro. Mas um trabalho de pesquisa vale tanto pelas respostas que oferece como pelas perguntas que coloca e inspira. O facto deste trabalho inspirar novas questões para reflexão, na base do seu texto e para além dele, é um mérito muito apreciável.

António Alberto da Silva Francisco  
Professor Associado da Universidade Eduardo Mondlane  
Director de Investigação do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE)  
18 de Junho de 2013<sup>3</sup>  
18 de Setembro de 2014<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Versão inicial do Prefácio

<sup>4</sup> Actualização e apresentação pública do Livro